



EM TORNO

DE UM PIANO DE CAUDA

Música nas Actividades de Enriquecimento Curricular

Cursos de Formação Contínua de Professores

Emílio Remelhe

01/07/2008



1. CONTEXTO

A prática da docência requer um investimento em diferentes planos, envolvendo uma rede complexa de conceitos como subjectividade e objectividade, acção e reflexão, racionalidade e criatividade, etc. Entre o ideal e o possível, o professor tem que ensaiar o credível, o sustentável, o justificável, o exequível... procurando chamar a si as melhores condições, as que melhor possam conduzir aos resultados pretendidos. Em suma, tem que tornar fácil o difícil. Por isso, a actividade docente se mantém enraizada na sua própria natureza criativa.

A criatividade é um conceito carente de definição. E, se esta carência tem, por um lado, prolongado a sua mitificação, que por sua vez prolonga a ideia de que a criatividade é propriedade de alguns (parece ser ainda difícil, no dia a dia, falar de criatividade fora do campo artístico, por exemplo), por outro, tem à sua volta encontrado subsídios inter disciplinares (neurociências, ciências humanas etc), mediante a investigação e o debate de ideias em torno do funcionamento da mente, do pensamento, da percepção e da representação – ajudas mais do que suficientes para a revisão, pelo menos, dos limites do nosso entendimento da criatividade. É neste contexto que estes módulos têm a sua pertinência: o que nos ocupa aqui não são os conceitos em si mesmos mas a sua activação, o *pôr em marcha* e gerir procedimentos, actuações.

O acesso às fontes, a recolha, a selecção e organização da informação, a concepção e a produção das aulas requerem a assistência permanente de instrumentos de diversa ordem. Instrumentos configurados na heterogeneidade, na interdisciplinaridade, no diálogo e na partilha.

No contexto do Ensino Básico (e não só, naturalmente) o recurso à literatura para a infância e particularmente ao álbum ilustrado traduz-se numa mais valia cuja evidência dispensa argumentos. O instrumento de trabalho que se propõe, *O Piano de Cauda* oferece um conjunto multifacetado de possibilidades a descobrir pelo leitor/professor-aluno, quer ao nível da mediação de conceitos de formação específica, de conteúdos programáticos no âmbito da música, quer ao nível lúdico, didáctico e pedagógico (e recreativo) da formação em geral.

Sem qualquer pendor moralizante ou intenção *pseudo* pedagógica, esta história coloca-se, no entanto, no centro da condição humana, seja no plano *ético*, seja no plano *estético*, polarizada em dois poderes: o da *subjugação*, por um lado, e, por outro, o da *sublimação* (pela música, expoente máximo).

Os temas em torno da música mas também a musicalidade da escrita, da leitura, da ilustração, os jogo de linguagem verbal e visual, constituem matéria prima da descoberta, do prazer de ensinar e de aprender.

2. OBJECTIVOS

Tendo em conta que os formandos são professores, estes módulos visam proporcionar uma experiência onde o teatro da actividade docente esteja directamente implicado, isto é, onde as preocupações, necessidades, dúvidas, certezas, etc, sejam a própria matéria de trabalho, com vista a reunir condições vantajosas para uma prática diária *inquieta mas confortável*.

Pretende-se sensibilizar e apetrechar o formando, privilegiando o processo e os seus efeitos. Não se procura impor modelos mas, a montante, contribuir activamente para as condições de actuação do professor como interface no sistema educativo. Nomeadamente:

- ❖ Consciencializar para as potencialidades do pensamento criativo;
- ❖ Promover e instrumentar a utilização do pensamento lateral;
- ❖ Reconhecer a importância e a pertinência dos instrumentos ao nível linguístico e literário;
- ❖ Aceder a materiais de trabalho para pôr em prática a sua actividade lectiva.

3. ACTIVIDADE

Através de exercícios concatenados e da gestão do grupo em diferentes configurações:

Módulo I

Evocação de noções básicas sobre funcionamento da mente; processamento, ordenação e reordenação de informação; pensamento vertical/racional *versus* pensamento lateral/criativo; evocação de conceitos-chave e de ferramentas linguísticas; o juízo de valor e a sua suspensão; leitura partilhada de "O Piano de Cauda"; determinação de ideias - chave na narrativa; verbalização de hipóteses de trabalho a partir das ideias-chave na aplicação de ferramentas linguísticas do pensamento lateral; reflexão sobre os resultados e procedimentos, observação analítica do processo.

Módulo II

Levantamento de ideias-chave na narrativa de *O Piano de Cauda*; referenciação de conteúdos programáticos; *brainstorming* na associação das ideias-chave aos conteúdos programáticos na configuração de exercícios; levantamento, organização e categorização das ideias obtidas; escolha final de ideias - chave da narrativa e de unidades/conteúdos programáticos; ensaio de planificação de um exercício; reflexão sobre os resultados; avaliação geral dos instrumentos e processos utilizados.

4. RECURSOS

Espaço com cadeiras dispostas em círculo ou outra configuração unificadora do grupo de trabalho (formandos e formador); etiquetas (tipo *post-it*); lápis; folhas A4; exemplares de *O Piano de Cauda* (um por formando).

5. AVALIAÇÃO

A avaliação é um processo que antecede, acompanha, finaliza qualquer acto deliberado em função de um objectivo.

EM TORNO DE UM PIANO DE CAUDA

Estes módulos são obrigatoriamente comprometidos com a suspensão do juízo de valor. Mas esta é apenas uma condição estratégica funcional e por isso deve ser observada, avaliada sob pena de inutilização do exercício: o que se avalia, em última instância, não é o resultado (fim) mas o processo (meios).

Aqui, a avaliação exerce-se em dois planos que se intersectam e complementam, um ligado ao processo de trabalho, outro, ao livro envolvido. Avaliam-se os efeitos no sujeito, nos seus critérios de recolha-escolha-ordenação de informação, na sua actuação e reflexão no contexto das práticas pedagógicas.

Depois dos módulos, o formando deverá: ter consciência da importância do pensamento criativo; dominar as ferramentas e mecânicas utilizadas; reconhecer a utilidade da ferramenta linguística e a importância do objecto literário enquanto instrumento de trabalho em contextos específicos e transversais da formação docente e discente; possuir um elenco temático sobre a narrativa em causa; perspectivar a sua utilização no contexto programático da disciplina que lecciona.

6. EXTENSÕES

Servindo os módulos para estimular, realizar e observar o processo em detrimento do resultado, eles são entendidos como momento inaugural (e/ou continuador) da prática que propõem. Os resultados são etapas, testemunhos do processo em contínuo desenvolvimento. Convidam-se, por isso, os professores que frequentaram os módulos para a troca *a posteriori* de planificações de exercícios levados à prática nas aulas a partir de *O Piano de Cauda*: como sugestão, como ilustração de modos distintos em diferentes contextos, ampliando o diálogo entre pares.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Emílio Remelhe lecciona na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (Desenho, Percepção e Representação). É docente na ESAD - Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos. É licenciado em Artes Plásticas – Pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto; Mestrado em Prática e Teoria do Desenho pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e doutorando na mesma instituição.

Leccionou na ARCA-EUAC, Escola Universitária das Artes de Coimbra (1991-94 e 1998-2004) e na Escola de Artes Visuais do Instituto Politécnico de Macau (1994-97). Foi professor do Ensino Secundário durante dezasseis anos, tendo pertencido ao Quadro de Nomeação Definitiva (Profissionalização em Exercício em 1994).

É membro da ELOS, Associação Luso-Galaica de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil.

EM TORNO DE UM PIANO DE CAUDA

Tem orientado *ateliers* e *workshops* no domínio das artes visuais, da ilustração, da literatura para a infância, da criatividade. Tem colaborado com diversas entidades e instituições em seminários, acções (em torno da literatura, da ilustração, do livro e da mediação da leitura, da leitura de contos) e encontros, quer escolares, quer bibliotecários, com crianças e adultos mediadores culturais e educativos (pais, professores, educadores, etc), em diversos pontos do país. Integrou os painéis: *Educação e Leitura* (Esposende, 2005), *Traz Outras Vozes Também* (Centro Oeiras a Ler, 2007) *O Ser que Acontece em Construção* (Projecto Escola Criativa, Centro Cultural de Cascais, 2008), *Dos Contos de Fadas à Representação do Real* (2º Congresso de Psiquiatria e 1º Congresso de Literatura Infanto-Juvenil, Viana do Castelo 2008), *Olhar é Semear* (Centro Oeiras a Ler, 2008).

Enquanto autor, desenvolve actividade no âmbito das artes plásticas, ilustração e literatura, usando diversos pseudónimos; tem trabalho publicado nas editoras Livros do Oriente, Campo das Letras, Caminho, Edições Gémeo R, Edições Eterogémeas, Gailivro/Ministério da Cultura- Delegação Norte, Civilização, e nas publicações Revista UP, Revista Plages, Revista Macau, Águas Furtadas, Margens e Confluências, Instantes, Malasartes, Search); na literatura para a infância, usando o pseudónimo Eugénio Roda, tem editado títulos ilustrados principalmente pela pintora Cristina Valadas (Prémio Nacional de Ilustração 2007) e pelo ilustrador Gémeo Luís (Prémio Nacional de Ilustração 2005); assumindo com este último uma parceria assídua de trabalho (Edições Eterogémeas), os seus livros têm sido objecto e instrumento de trabalho em contexto escolar (em diferentes níveis de ensino, desde Pré-escolar a Secundário) e a sua produção destacada em diversos contextos: "Ssschlep" (Plano Nacional de Leitura), "Rêve" (incluído na lista dos dez melhores editados em Portugal em 2007 pela Casa da Leitura - Fundação Calouste Gulbenkian), "O Quê Que Quem" (Prémio Nacional de Ilustração pelo IPLB e recentemente seleccionado pelo júri de "La Joie par les livres", secção francesa do IBBY, para representar Portugal numa exposição de livros ilustrados dos países da União Europeia a realizar na Biblioteca Nacional de França para comemorar o Ano Europeu do Diálogo Inter cultural, 2008).

CRÍTICA LITERÁRIA

Sobre *O Piano de Cauda* (texto de Eugénio Roda, ilustrações de Gémeo Luís, Edições Eterogémeas).

[**texto 1** apresentação (contracapa)]

Como o título deixa adivinhar, a música constitui o tópico em torno do qual ganha forma esta narrativa a três mãos – a que compôs o texto e as outras duas: a mão que segurou o papel e a que fez os recortes, em filigrana. Deste minucioso trabalho de recorte despontam, como por encanto, as admiráveis ilustrações de O Piano de Cauda, livres, esvoaçantes e animadas de movimento, como frases musicais,

EM TORNO DE UM PIANO DE CAUDA

ilustrações no limiar da sinestesia, onde se afirma, de novo, a linguagem singular de Gémeo Luís, a um tempo delicada e poderosa, construindo um espaço onde se cruzam memórias do Oriente, ecos diluídos de Chagall e um onirismo de pendor surrealizante que nos faz emergir no sonho.

O discurso de Eugénio Roda está, também ele, pejado de referências ao universo da música, mas impõe-se igualmente pelo carácter musical da escrita. Uma escrita que seduz pelo ritmo, aqui e acolá pela rima interna e pelo hábil recurso às suspensões da frase (ou seja, a pequenos intervalos de silêncio). Mas que surpreende também pelo jogo linguístico (da homonímia, da homofonia e não só), jogo que desafia a inteligência de quem lê e abre inesperadas possibilidades de sentido.

José António Gomes

Crítico literário, Professor de literatura na ESE do Porto, director da Revista Malasartes e escritor (sob pseudónimo de João Pedro Mésseder)

[texto 2]

O Piano de Cauda

Um conto cinestésico para os mais atrevidos sonhadores

Influenciada e inspirada nos criadores deste conto (Eugénio Rodas e Gémeo Luís), diria que esta história é uma fantasia musical onde nos é permitido sonhar. Esta fantasia é composta por vários andamentos. Aqui, as ilustrações não representam meras notas de rodapé, mas acrescentam novas ideias ao texto. Assim o conto resulta de uma profunda simbiose entre a musicalidade da poesia e das ilustrações sublimes.

Bom poder imaginar onde ficará o lugar mais harmonioso de todos, no qual vive este feliz piano de cauda, que até via do miradoiro o dia a nascer, "e... dó, ré, mi, fá... o sol aparecia". Da orquestra harmoniosa também faziam parte o rio, as ervas e os pássaros. Mas naquele dia o piano ia tocar a solo. Pois "a chuva tinha metido água no ensaio geral, estavam todos ensopados, roucos, desafinados". Com muita sorte, o piano de cauda livrou-se da constipação porque ficou preso nas giestas do caminho para o ensaio. De qualquer maneira, não há mal que dure, e não tardaria muito para o "dia-pasão" chegar e a orquestra afinar. Pois naquele lugar "não há dia sem música".

Este é o fabuloso panorama do primeiro quadro descrito pelo autor Eugénio Roda. Efectivamente, cada página é guarnecida de uma prosa musicalmente bem dotada, acompanhada de uma ilustração incrivelmente inspiradora da autoria de Gémeo Luís. Daí que vejo este conto como uma exposição de quadros.

Este conto tem quanto a mim, tudo para ser um poderoso instrumento pedagógico e didáctico entre as crianças. Agora exige um mediador minimamente conhecedor da educação e cultura musical devido à forte presença de jogos de imagens, metáforas e trocadilhos que caracterizam e enriquecem

EM TORNO DE UM PIANO DE CAUDA

enormemente esta história. Para além disso, predominam termos e vocabulário musical, sem esquecer a musicalidade das próprias palavras e frases com que nos brinda Eugénio Roda, que não só podem como devem ser trabalhados e discutidos com as crianças. As expressões abundam e a meu ver deliciam a nossa leitura:

Cuidado... ele pode morder!, gritaram, apontando a grande dentadura. (...)

Ao sentir as mãos do rapaz, o piano gemeu, desafinado. (...)

O rapaz demorou-se a acariciar o piano sem cauda: parecia surdo-mudo-cego, que é como quem diz, tinha os ouvidos, a boca e os olhos na ponta dos dedos. (...)

Deste modo, a cada página virada, corresponde um quadro mágico inventado (= texto + ilustração). Esta foi realmente a sensação que tive no decorrer da minha leitura. E ficamos cada vez mais curiosos à medida que vamos desvendando o conto, presos às ilustrações e aos jogos de palavras que nos despertam para uma variedade infinita de significados e de mensagens, quanto mais vezes o vemos, lermos e ouvirmos; quanto mais vezes mudarmos as lentes para o interpretar na sua globalidade.

Na minha perspectiva, este conto transmite uma mensagem tão profunda como simples: o prazer inegável que a música nos dá, quer seja ouvindo-a ou interpretando-a ao longo das nossas vidas. O piano de cauda que vive no lugar mais harmonioso do mundo, vem-nos lembrar no fundo, o quanto ela está intimamente ligada à condição e natureza humana.

Se quisermos ir mais além, acho que por detrás desta mensagem, podemos encontrar eventualmente outros significados, assim deixo uma humilde sugestão, entre tantas outras que eu acredito existem.

Será que, à semelhança deste instrumento, não haverá também pessoas que tenham passado pela mesma situação, sentindo-se enfraquecidas? Passo a explicar a minha visão, ou viagem pelo meio da interpretação – assumindo que estou à vontade para libertar a minha imaginação.

Tal como aconteceu com o piano de cauda, há pessoas que são retiradas do seu lugar harmonioso, (da sua casa, do seu meio, do sítio onde se sentem felizes), porque existem também outras pessoas à procura de coisas raras, (pessoas exageradamente obstinadas e ambiciosas que não olham a meios para alcançar os seus objectivos e atingir os seus fins). Esquecem-se estas últimas, que o sucesso, a diferenciação que procuravam para se demarcarem dos outros indivíduos, torna-se supérflua e sem sentido. Pois assim como os objectos têm valor dentro de um contexto, o comportamento das pessoas optimiza-se no meio que lhes é favorável a diferentes níveis. Desenquadradas do seu meio, da sua razão de ser, a sua essência esvanece-se. Assim também o piano de cauda deixou de Ter significado, perdeu o seu valor quando o homem à procura de coisas raras lhe roubou a inspiração ao enclausurá-lo num lugar que não era o seu.

Em suma este conto tem o poder de nos transportar para todos os lugares mais harmoniosos e para nenhum. Tudo depende da nossa predisposição para viajar... E creio que as crianças devem ler este livro

EM TORNO DE UM PIANO DE CAUDA

porque ele é sem dúvida alguma, um poderoso instrumento de estímulo à imaginação e criatividade.

29 Novembro, 2007

Mediadores, Livros e Leitores

Página de partilha de livros e de leituras, organizada e mantida pelo grupo de Pós-Graduação em Estudos da Criança – Especialização de Análise Textual e Literatura Infantil da Universidade do Minho (Portugal), com a colaboração de todos os que assumem a leitura como um projecto pessoal e afectivo

<http://mediadores-livros-e-leitores.blogspot.com/2007/11/o-piano-de-cauda.html>

[texto 3]

Livros – O Piano de Cauda

É na secção infantil das grandes livrarias que se encontra este livro, normalmente escondido nas prateleiras entre muitos outros livros do género de boa (ou menos boa) qualidade que vão sendo produzidos em Portugal. É um lugar-comum dizer-se que damos mais valor às coisas que são feitas lá fora do que as nossas, mas isso não invalida a afirmação, e mais uma vez isto se repete no que toca à ilustração.

Somos um País de grandes ilustradores, de uma competência artística fora-de-série (e é exemplo disso os concursos Internacionais em terreno nacional como o Ilustrarte, mais o sem número de exposições e compilações), mas o terreno que a ilustração têm de escalar parece interminável, numa eterna luta pelo reconhecimento público do próprio produto.

A ilustração luta com o problema da sua comparação com a escrita. O plano do ilustrador é muitas vezes remetido para o fundo, uma nota de rodapé, pressupondo que o seu trabalho é um simples “ilustrar” redundante do que está transposto nas palavras. Mas a ilustração contemporânea é tanto mais! Ela acrescenta ao texto, dá-lhe novos mundos e perspectivas e acentua a imaginação de quem vê e lê.

Disse que somos um País de grandes ilustradores, e isto é visível com uma simples olhadela à mesma secção infantil de uma grande livraria, na parte de autores nacionais. Independentemente do grande plano ser dado ao escritor da obra, procurem ver também quem a ilustrou e encontrarão nomes como António Modesto, Júlio Resende, Henrique Cayatte, André Letria, Cristina Valadas e o outro nome na capa do livro que vos falo: Gémeo Luís.

O “Piano de Cauda” surge como um produto de simbiose profunda entre escritor e ilustrador. Gémeo Luís (Luís Mendonça), dá vida às palavras de Eugénio Roda (Emílio Remelhe), e vice-versa. Tudo num mundo

EM TORNO DE UM PIANO DE CAUDA

de imaginação de envolvimento entre palavras, desenhos e os próprios autores. Uma cumplicidade que surge de uma amizade de longa data que transpira tão bem na obra que é este livro.

A escrita de Eugénio Roda é viciante, poética e lê-se como se canta, dotada de imagens e jogos de palavras que lembram tão bem a imaginação infantil. Basta apenas o início do livro para nos mostrar uma janela do imaginário que acompanha todo o livro:

«O Piano de Cauda vivia no mais harmonioso dos lugares. Todos os dias, cedo cedinho, corria ao espreguiçadoiro, que é uma espécie de miradoiro donde se vê o nascer o dia, e ...dó, ré, mi, fá... o sol aparecia.»

As ilustrações de Gémeo Luís são de uma riqueza imensa, de formas subtis, orgânicas, feitas de papel recortado com uma delicadeza que transcreve toda a poesia do texto que as acompanha. Esses “desenhos” de papel recortado são acompanhados de uma pequena sombra que os enriquece e acentua essa subtileza.

Este livro, para crianças que faz tão bem à gente grande, é poesia visual e poesia verbal juntos num objecto com a capacidade de nos transportar para um mundo de Sonhos. Recomendo a todos aqueles que ainda conseguem sonhar acordados e se apaixonar por formas e palavras.

<http://praiadepensar.blogspot.com/2006/06/livros-piano-de-cauda.html>

22 Junho 2008